



VII Simpósio Nacional de História Cultural  
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,  
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**“CEILÂNDIA, CIDADE EM FLOR”: IMAGENS DA CIDADE EM  
MANOEL RAIMUNDO, UM CORDELISTA DO D.F.\***

Maria Helenice Barroso\*\*

Ao entrar em contato com o Cordel “*Ceilândia, cidade em flor*” de Manoel Raimundo<sup>1</sup>, sobre Ceilândia, Região Administrativa do Distrito Federal, alguns pontos ligados à narrativa, despertaram em mim a vontade de melhor compreender questões que se interligam, criando e recriando sentidos e significados para as práticas cotidianas experienciadas pelo indivíduo no seio da coletividade.

Acredito que para refletir acerca de práticas culturais, e, em particular, do cordel, torna-se imprescindível compreender as representações e imaginários como constitutivos da cultura (PESAVENTO, 2003). As representações são construções humanas sobre o mundo que, além de servir para dar visibilidade a esse mundo, fazem com que os homens percebam a realidade e a partir disso adotem determinadas formas de condutas. As

\* Esse texto é parte das discussões suscitadas na Dissertação de Mestrado, publicada em 2009. BARROSO, Maria Helenice. Os cordelistas no D.F.: dedilhando a viola, contando a história. Uberlândia: EDUFU, 2009.

\*\* Possui Doutorado em História Cultural pela Universidade de Brasília-UnB (2013). Participou do PDEE/CAPES - Programa de Doutorado no Brasil com Estágio no exterior, na Universidade Nova de Lisboa - UNL, em Portugal. Mestrado em História Cultural pela Universidade de Brasília-UnB (2006) e graduação em História pelo Centro Universitário de Brasília (1986). Atualmente é professora com vínculo empregatício na Secretaria de Educação do Estado do Distrito Federal - DF.

<sup>1</sup> RAIMUNDO, Manoel. *Ceilândia, cidade em flor*. A impressão do folheto, à qual tive acesso, não apresenta data de edição, definição de páginas, nem tampouco numeração dos versos. A numeração encontrada na versão em anexo foi por mim acrescentada, para facilitar a consulta do leitor. Entretanto todos os demais elementos do texto foram conservados como na versão original.

representações encontram-se expressas sob a forma de imagens, textos literários, ritos, normas, instituições. Elas têm o poder de institucionalizar, naturalizar, criar e recriar comportamentos e determinar modos de agir e pensar. As mesmas funcionam como geradoras de atitudes e práticas sociais e possibilitam a construção de um mundo aportado em elementos simbólicos (CASTORIADIS, 1997). A multiplicidade de representações coletivas criadas pelos homens para atribuir sentidos ao mundo constitui-se em um sistema de ideias e imagens que forma o imaginário. O imaginário é assim entendido como um sistema de representações coletivas, constitutivo do mundo, num processo de construção que é social, cultural e histórico.<sup>2</sup> Nesse sentido, o imaginário traduz a experiência do vivido que é também sonhada, imaginada. Neste ponto torna-se importante ressaltar que não se pode dicotomizar mundo real de mundo imaginário, mas pensar o mundo como experiência (THOMPSON, 2004).

Percebo as narrativas de cordel como espaço de contar num movimento de reconstrução da memória coletiva com vistas a manter viva a experiência da comunidade. Assim, o movimento de lembrar e narrar resulta na “redenção” do passado, como diria Benjamin. O narrador, ao trazer para o presente as imagens do outrora, articula na e pela linguagem a experiência vivida, a ação e a espera. Trazer o passado para o presente, para que as mesmas não se percam para sempre, é um modo de salvaguardá-lo do perigo do esquecimento.

Aos homens e mulheres comuns tem sido sistemática e intencionalmente negada a possibilidade de falar de si e do mundo - como foi, durante muito tempo, o caso dos cordelistas. Assim, um aspecto relevante em relação à imagem literária escrita ou oral, bem como a imagem cinematográfica, fotográfica, pictórica, é o fato de que as mesmas podem apresentar-se como formas possíveis para transmitir de geração em geração, não somente aqueles “grandes feitos, grandes discursos de grandes homens”, mas aspectos daquilo que foi sonhado, pensado, desejado na experiência cotidianamente vivida nos pátios, nas ruas, nos prostíbulos, nos recantos da casa natal, como bem nos lembram Benjamin (1995: 71-142), entre outros.

Seguindo o sentido benjaminiano, a narrativa presente nos versos de Manoel Raimundo rememora as suas próprias experiências em Brasília, no Núcleo Bandeirante e

<sup>2</sup> Segundo Castoriadis (apud Pesavento 2003, p. 43), “o imaginário é capacidade humana para representação do mundo”. Ainda segundo esse filósofo, a instituição do imaginário permite a “criação/recriação do real, formando uma espécie de magma de sentido ou energia criadora.”

depois em Ceilândia, bem como as de tantos outros migrantes que participaram da construção da Nova Capital e que posteriormente foram expulsos para a periferia. O cordel “*Ceilândia, cidade em flor*” nos apresenta indícios dos modos como se deu a construção das relações dos poderes públicos com os trabalhadores que construíram a Nova Capital e o modo como os espaços urbanos, seja do Plano Piloto seja dos seus arredores, foram sendo construídos.

O autor, aborda questões ligadas ao modo como os trabalhadores criavam estratégias de sobrevivência para se manterem na Capital após a inauguração, quando grande contingente ficou desempregada:

Eu vivo muito animado  
Na capital da Nação  
Empurro um carro pesado  
Fazendo calo nas mãos  
Mas nunca tinha rimado  
Hoje tenho inspiração. (37 )

Eu vivia negociando.  
Morando no Bandeirante  
Não andava reclamando  
Da vida um só instante  
Lá pra mim tem seu valor  
De armazém de brilhante. (38)

Devemos pedir a “Deus”  
Com fé e perseverança  
Pois tendo fé em “ Deus “  
Com calma tudo se alcança  
Basta morar em Brasília  
A Capital da esperança.(47)

Manoel Raimundo desvela os modos como percorre a cidade com o objetivo de vender suas frutas e outras mercadorias. Nesse período, imediatamente posterior à inauguração de Brasília, o trabalho na construção civil tornava-se cada vez mais escasso, assim, o trabalho informal apresentava-se como alternativa face ao desemprego. Mesmo diante de toda ordem de dificuldades, muito provavelmente, seguindo o discurso fundador



divulgado por J.K.<sup>3</sup>, para muitos imigrantes assim como para Manoel Raimundo, Brasília continuava sendo a capital da esperança, onde tudo se alcançava inclusive inspiração poética.

Os versos do poeta deixam ver a força desse imaginário mítico criado e difundido acerca da nova capital. Imaginário que se incorporou à vida dos operários e muitas vezes guiou suas atitudes, modo de pensar, de agir e de sentir. Mesmo trabalhando duro e não tendo, ainda, alcançado muitas de suas aspirações, o mito construído no imaginário nacional de um futuro bem aventurado para aquele que habitasse Brasília, cidade onde jorraria o pão e o mel em abundância, assegurava a crença dos trabalhadores na nova capital.

Entretanto, as promessas do sonho Brasília não se efetivaram para todos aqueles que a construíram. O crescimento das favelas próximas ao Núcleo Bandeirante, durante a construção e após a inauguração da capital, é um bom exemplo da frustração das expectativas dos trabalhadores. Sem moradia, sem emprego e sem nenhuma infraestrutura, os habitantes promoviam manifestações em busca de solução para seus problemas de moradia. Assim, já em seu alvorecer, a nova capital desperta com graves problemas, especialmente de moradia<sup>4</sup>.

O planejamento inicial da construção de Brasília não previa o que fazer com os trabalhadores após o término das obras. Assim, aqueles migrantes que vieram de diferentes regiões do Brasil para trabalharem na construção da Nova Capital, quando da inauguração da cidade, foram expurgados para a periferia formando uma legião de favelados em áreas localizadas nas proximidades do centro do poder político do país. Tal situação incomodava aqueles que detinham tanto o poder político quanto o econômico. Os trabalhadores, ora expulsos do espaço do Plano Piloto, encontraram como alternativa a construção das denominadas “favelas dos pioneiros”, próximas à cidade do Núcleo Bandeirante.

<sup>3</sup> Cf. RODRIGUES, Georgete Medleg. Ideologia, propaganda e imaginário social na construção de Brasília. Dissertação de Mestrado, Brasília: UnB, 1990. P. 194 -198. O discurso fundador difundido antes e durante a construção de Brasília criou um imaginário segundo o qual a Nova Capital era representada como símbolo da emergência de um país onde seria possível um novo modelo de sociedade: mais justa e mais igualitária.

<sup>4</sup> Os problemas de moradia na capital federal continuam no presente. Hoje, estes problemas se configuram nas periferias e nos condomínios que proliferam, sem controle, a partir de invasões de terras públicas, em todo o D.F. e entorno.

Desse modo, nas proximidades do Núcleo Bandeirante foi se fazendo um grande conglomerado de favelas: IAPI, Morro do Querosene, Vila da Esperança, Placa das Mercedes, Bernardo Sayão, Vila Tenório... onde os trabalhadores se viam obrigados a vivenciarem, cotidianamente, as péssimas condições das moradias construídas com tábuas e papelão, sujeitas aos constantes incêndios e problemas de toda ordem. Com objetivo de solucionar essa situação tem-se início o germe de uma construção de espaços urbanos distantes do Plano Piloto, onde injustiça e exclusão se fazem presentes.

De acordo com os interesses e do ponto de vista burguês a Nova Capital planejada para ser asséptica, moderna, rica e esplendorosa, a personificação de tudo aquilo que representava o espírito da modernidade, não poderia comportar aquela massa de barracos onde se abrigava a pobreza e a marginalia, expurgos da nova sociedade que se constituía em Brasília. Além disso, os terrenos mais próximos do centro eram mais procurados e mais valorizados o que aguçava os interesses da especulação imobiliária<sup>5</sup>. Assim, tornava necessário encontrar espaços mais distantes para abrigar esse contingente de favelados. Manoel Raimundo nos apresenta imagens que desvelam a situação dos moradores das favelas:

Senhores mais uma vez  
Com Jesus que nos auxilia  
Eu falo sobre a mudança  
Com muitos pais de família  
das favelas pra Ceilandia  
A caçula de Brasília.

Os barracos eram entrepados  
Parecendo ate quixo  
Os moradores enfurnados  
Parecendo com moco  
Precisavam ser mudados  
Pra ter uma vida melhor.

O povo vivia amontoad

Precisavam espalhar

<sup>5</sup> Ver em OLIVEIRA, Marília Luíza Peluso. **Contradições e conflitos no espaço de classe: centro versus periferia**, in PAVIANI, Aldo. (org) *Urbanização e metropolização: a gestão dos conflitos em Brasília*. Brasília: Editora UnB, Codeplan, c1987. Pp- 125-144.

Pra viver mais sossegado  
Cada um em seu lugar  
Pra criar seus filhos amado

Precisavam ter um lar. (versos 01, 02 e 03)

O narrador evoca o auxílio de Jesus Cristo para falar aos pais de família sobre a transferência das favelas. Acredito que tal evocação pode ser um indício de que falar acerca da mudança das favelas para Ceilândia consistia em assunto de trato um tanto quanto delicado. Entretanto, como as condições de moradia em barracos amontoadas uns sobre os outros, “*Os moradores enfurnados/Parecendo com moco*”, viviam como animais e para conquistar alguma dignidade, um lar para criar seus filhos, “*O povo vivia amontoadado/Precisavam espalhar*”, a mudança se justificava. Do ponto de vista desse cordelista em Ceilândia os trabalhadores teriam uma casa, mais espaço, para “criar seus filhos amados”, realizariam enfim, o sonho de terem um lar em uma cidade “civilizada”. Em suma, na concepção de Manoel Raimundo, a transferência dos moradores das antigas vilas para a cidade de Ceilândia, deveria ser concretizada objetivando resolver a situação de caos absoluto na qual viviam os moradores das favelas do Núcleo Bandeirante, também, conhecido como Cidade Livre.

No entanto, como bem anuncia Manoel Raimundo, essa transferência não era consenso.

Bandeirante fez campanha  
Pras vilas não mudar  
Porem, rádios e jornais  
Ouviam-se anunciar  
Em uma cidade elegante  
Ia tudo se transformar

No fim de cada mudança  
Ouvia-se comícios lindos  
Em uma placa tinha escrito  
Meu povo seja bem-vindo

Bandeirante ficou triste  
Ceilândia ficou sorrindo.(versos 04 e 05)



Como podemos perceber na análise desse fragmento de *Ceilândia, cidade em flor*, enquanto os poderes públicos, rádios e jornais incentivam a transferência, parte dos moradores e os comerciantes do Núcleo Bandeirante não queriam a retirada dos favelados, com receio de perder os seus fregueses. Entretanto, se por um lado havia aqueles que resistiam à transferência por outro lado alguns dos próprios favelados queriam sair daquelas áreas. Desse modo, tensões e conflitos são questões evidenciadas no processo de transferência.

A remoção das antigas favelas ou vilas foi iniciada em 27 de março de 1971. O processo de remoção para Ceilândia começou pelas igrejas e outras instituições sociais, em seguida foram removidos os barracos dos trabalhadores. Nos primeiros dias de vida de Ceilândia o que se via era um amontoado de tábuas, telhas, papelão, móveis, utensílios domésticos espalhados por todos os lotes.<sup>6</sup> E mais difícil ainda era a constante falta de água, como descreve Manoel Raimundo:

Via-se um grupo de gente  
Parecia um batalhão  
Todos andavam cansado  
Com suas latas na mão  
Atrás de um pouca d'água  
Pra fazer a refeição(27)

O povo andava pintado  
Como o uso da coruja  
Faltava morrer de sede  
E andava de roupa suja  
Uns diziam para os outros  
Venda seu barraco e fuja(32)

A cidade de Ceilândia, planejada com o intuito de erradicar as favelas, trazia como promessa oferecer aos futuros moradores todos os equipamentos comunitários básicos, como água, luz, esgoto, transporte, asfalto, hospitais, escolas... Entretanto, a realidade que esperava os novos habitantes era bem desfavorável. Mesmo tendo

<sup>6</sup> Cf. CASTRO. Silvia Regina Viola de (coordenação), *Ceilândia: resgate histórico*. Caderno de pesquisa - 10. Brasília: Arquivo Público do Distrito Federal, 2003. p. p. 13-15.

consciência da situação caótica, segundo o poeta Manoel Raimundo, o povo tinha fé que tudo seria melhor em Ceilândia.

O cordelista aponta, no mesmo cordel, o caráter multifacetado do modo como os moradores viviam na nova cidade, vejamos:

Há uns dois anos passado  
Não existia construção  
Só tinha grandes serrado  
Com cobras e gaviões  
Hoje ajudada por Deus  
Já tem muita habitação(08)

O governo construiu  
Escolas de educação  
Pra todo mundo se instruir  
Pois a meta é a inlustração  
Quando recebe alguém  
Trata com distinção(09)

“Ceilândia, cidade em flor”, mostra a imagem da cidade se fazendo em ritmo acelerado, onde “Há uns dois anos passado/Só tinha grandes serrado” e hoje já tem muita habitação. O trecho acima traz indícios do valor atribuído à educação como modo de conquista de direitos, de cidadania. Ceilândia era o espaço do sonho embalado por cada trabalhador. Apesar de todas as dificuldades apresentadas o poeta tem esperança de que a cidade melhore e se torne “Cidade alta adorada”.

No fragmento a seguir, o autor constrói uma narrativa que possibilita perceber Ceilândia como cidade perpassada pelas representações assentadas no imaginário individual e coletivo e, no simbólico religioso/político/social/cultural. Vejamos:

Muitos ainda reclamam  
Os que tem mau coração  
Moravam em lugar feio  
Todo cheio de buracão  
Aonde fazia crime  
Nas noite de escuridão.(12)

Muitos sabem que existiu



O tal morro do urubu  
O lugar dos vagabundos  
Que gostam de comer cru

Mandavam pro outro mundo  
Só pra roubar o tutu(13)

Em Ceilândia é diferente  
Porque não é invasão  
A policia é competente  
Na sua execução  
No comprimento da lei  
Prende assassino e ladrão(16)

Nascida sob o estigma herdado das favelas que a originaram, Ceilândia era percebida como espaço de marginalizados, de pessoas perigosas e violentas. Estas representações foram difundidas pelos meios de comunicação da Nova Capital. Contudo para o cordelista que a enxergava a partir do olhar de morador que ali praticava o seu cotidiano, ela é apreendida como a cidade satélite mais nova de Brasília, espaço conquistado pela luta de seus moradores onde a justiça e a igualdade estavam presentes e, sobretudo, um espaço onde a dignidade de ser trabalhador fora conquistada. Ali, no imaginário expresso pelo cordel, por não ser invasão, as mazelas sociais seriam amenizadas e, sobretudo, eles não mais estariam subordinados aos desmandos da polícia, como se todos fossem assassinos ou ladrões.

Em “*Ceilândia, Cidade em flor*” fica visível que além da falta de infra-estrutura, como, água, luz, asfalto e esgoto, emerge um outro grande problema: a imagem negativa herdada das antigas vilas. Era necessário desconstruir essa imagem e criar uma outra, de Ceilândia como espaço onde viviam pessoas dignas e que lutavam para manter suas variadas práticas cotidianas: ler, falar, caminhar, habitar, cozinhar, cantar, trabalhar... ou como diria Certeau (C.f.2002) que lutavam por dar continuidade às suas artes de fazer, consideradas significativas para suas vidas.

Muito provavelmente esse é o motivo pelo qual a narrativa de Manoel Raimundo busca criar imagens de um espaço no qual as relações humanas são vistas de modo idealizado. Segundo o autor,

A cidade é uma só

Não há distinção de cor  
Preto, branco e fogoio  
Todos tem o seu valor

Ceilândia vai se tornar  
Um lindo jardim em flor. (verso 11)

É possível notar, no transcorrer do cordel de Manoel Raimundo, que Ceilândia é colocada como sendo um espaço que constrói e é construído pelos atores sociais que nele habitam, e dessa forma produz o tecido social urbano que é urdido a partir da interação dos indivíduos nos espaços urbanos criando suas variadas ambiências e atmosfera.

Essas ambiências e atmosfera apresentam-se como o resultado da combinação entre o fazer humano, gerador da transformação da natureza – fenômeno visível aos olhos – mas que vai além da ação técnica do homem. Existe também, uma “dimensão oculta”, invisível, onde, segundo Rodrigues (1996: 55-78), se processam todas as relações humanas. Onde a cultura urbana toma forma, construída pelas experiências, pelos pensamentos, pelo cotidiano urbano do indivíduo e da coletividade, solo no qual as coisas adquirem sentidos e significados.

Se por um lado o ‘olhar de fora’ percebe Ceilândia como favela, espaço de marginalizados, de pessoas perigosas, também lugar de violência, para Manoel Raimundo, que vivencia e vê a partir de um outro olhar, do ‘olhar de dentro’.

Em determinados fragmentos, o autor nos deixa ver que a cidade é por ele considerada como uma boa cidade, onde “*só mora gente boa*” e onde são estabelecidas relações de amizade. Ceilândia é lugar “*onde não há necessidade de se criar gente à toa*”. Deste modo, podemos observar que a cidade tem significações diferenciadas para os vários tipos de sujeitos nos seus diferentes lugares de fala.

Manoel Raimundo nos mostra como o nomadismo está presente em sua vida. Desde sua vinda para Brasília, sua passagem pelo Núcleo Bandeirante, onde circulava passo-a-passo pelas ruas, negociando até mudar-se para Ceilândia, onde, por fim pretende fixar endereço. O deslocamento do corpo é uma constante em sua trajetória de vida. Isso nos remete à ideia de liberdade de ir e vir estabelecida no espaço urbano, e ainda à ideia de desenraizamento vivida nestes espaços, más paradoxalmente também nos faz ver a necessidade de pertencimento, uma busca do enraizamento, de construir uma moradia, a

vontade de fixação em um endereço e de estabelecer laços de relacionamentos duradouros, como as amizades entre os moradores.

Certeau (1994: 176- 1182) afirma que “os processos do caminhar podem reportar-se em mapas urbanos de maneira a transcrever-lhes os traços (aqui densos, ali mais leves) e as trajetórias (passando por aqui e não por lá)” que vão compondo os espaços urbanos a partir de seleções, de fixações e também de esquecimentos que possibilitam a legibilidade de uma certa maneira de apropriação dos lugares. Estas formas de práticas dos espaços urbanos é o que podemos observar em Manoel Raimundo:

Entrando na rua três  
Eu passava de vagar  
Atendia os meus fregueses  
Que gostavam de pagar  
Porem já estava sabendo  
Que ela ia se acabar

Na rua quatro de maio  
Fazia do mesmo jeito  
Quem me paga sem trabalho  
Quando fala eu aceito  
Quem não gosta de pagar  
Perde logo seu direito. (versos 40 e 41)

Podemos perceber que, enquanto percorre as ruas do Bandeirante e depois quando constrói sua poesia em Ceilândia, o autor se apropria dos vários trajetos, dos emblemas, das marcas cotidianas, dos diferentes espaços dessas cidades e então realiza uma crônica topográfica do dia-a-dia de seus moradores. Ao rememorar o vivido no Núcleo Bandeirante ele cria um mapeamento da cidade com suas ruas boas, onde mora gente boa para pagar e seus cantos ruins, onde não pode vender fiado. Em seus versos, ele nos mostra como os espaços e os sujeitos que neles transitam se interagem e se transfiguram, criando sentidos e significados próprios para cada lugar, de modo bastante singular. Percebemos que o mapa urbano pode ser marcado por significados que



caminhantes como Manoel Raimundo vão lhes atribuindo à medida que vienciam seus cantos e recantos<sup>7</sup>.

Após todas essas reflexões, a título de conclusão, vale ressaltar que Manoel Raimundo, no decorrer de seu texto apresenta a história de aspectos considerados banais, ou seja, aqueles inseridos na categoria do “miúdo”. Entretanto, talvez, precisamente essas banalidades cotidianas possam ser de grande relevância para o entendimento das imagens criadas nesse cordel, bem como da complexidade da composição de um espaço vivido e rememorado. Manoel Raimundo deixa entrever que ao passar empurrando cotidianamente seu carrinho pelas ruas da cidade e ao versejar revive suas experiências do passado, a partir das quais cria imagens que nos apresentam significados e sentidos que possibilitam reconstruir essa história.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BAKHTIN, Michael. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais*. 4ª ed. Trad: Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec: Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas v. I – Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 3ª ed.* - São Paulo: Brasiliense, 1995.

BRESCIANI, Maria Stella M. “*Cultura e História: uma aproximação possível*”. In: PAIVA, Márcia de & MOREIRA, Maria Éster (orgs.). *Cultura substantivo plural*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

BOLLE, Willi. *A metrópole como médium-de-reflexão*, em SELIGMANN- SILVA, Márcio(org.). *Leituras de Walter Benjamin*. São Paulo: FAPSEP:Annablume, 1999.

<sup>7</sup> De modo idêntico também procedeu Benjamin em relação à caracterização dos espaços e à criação topográfica da cidade, no seu *Trabalho das Passagens*. Pouco antes de se exilar, imagina um mapa particular de memória afetiva de sua cidade natal. “Quando eu estiver velho, gostaria de ter no corredor da minha casa/Um mapa de Berlim/Com uma legenda/Pontos azuis designariam as ruas onde morei/Pontos amarelos, as ruas onde moravam minhas namoradas/Triângulos marrons os túmulos/Nos cemitérios de Berlim onde jazem os que foram próximos a mim/E linhas pretas redesenhariam os caminhos/No Zoológico ou no Tiergarten/Que percorri conversando com as garotas/E flechas de todas as cores apontariam os lugares nos arredores/Onde repensava as semanas berlinense/E muitos quadros vermelhos marcariam os aposentos/Do amor da mais baixa espécie ou do amor mais abrigado do vento”.( Bolle,1999: 96-97)

BURKE, Peter. *O mundo como teatro*. Trad. De Vanda Maria Anastasio. Lisboa: Difel, 1992.

CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis- R.J.:Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. *A História cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Editora Difel, 1998.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Trad. Maria Betânia Amoroso, José Paulo Paes e Antônio da Silveira Mendonça. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade-3ª ed.-* Rio de Janeiro: DP & A editora, 1999.

LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. B.H: Editora UFMG. 2002.

MAFFESOLI, Michel. *A conquista do presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

NUNES, Brasilmar Ferreira. *Brasília: a fantasia corporificada*. Brasília: Paralelo 15, 2004.

OLIVEIRA, Marília Luíza Peluso. **Contradições e conflitos no espaço de classe: centro versus periferia**, in PAVIANI, Aldo. (org) *Urbanização e metropolização: a gestão dos conflitos em Brasília*. Brasília: Editora UnB, Codeplan, c1987. Pp- 125-144.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Ed. Organização Simões, 1951.

RODRIGUES, Antônio Edmilson Martins. *Cultura urbana e modernidade: um exercício interpretativo*. In: PAIVA, Márcia de & Moreira, Maria Éster (orgs.). *Cultura Substantivo Plural*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

\_\_\_\_\_. *A formação da classe operária inglesa. A árvore da liberdade*. V. I. 4ª ed. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

\_\_\_\_\_. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. 3ª ed. Trad: Rosaura Eicheberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.